

Do caráter dos rios que correm

Lígia Afonso

Há, no trabalho de Flávia Ribeiro, uma inequívoca vontade de densificar, solidificar a matéria rasa, esculpi-la e dar-lhe espaço sem o ocupar em demasia (perturbando-o apenas na medida em que o requer consciente e ativado), através de uma tátil concretização do papel. Subjaz-lhe uma poética da corporeidade.

Os seus fólhos são, por isso, organismos firmes, fortificados, pesos pesados da sua espécie. São estrutura, massa e esqueleto. Abandonam-se porém, como se fossem humanos, às intempéries da intimidade, permitindo-se revelar apenas quando observados de perto, exigência de resguardo da sua qualidade diáfana outra (secreta e paradoxal).

É nessa aproximação, nesse movimento empático, nesse encontro magnético de ambos os corpos (do espectador que se aproxima e do papel que se desprende ou desvia da parede apenas o suficiente) e na decorrência da vibração do ar que o movimento do espectador provoca, que se dão a conhecer. Que se olham de perto e se tornam cristalinos um para o outro. E é exatamente aí que tudo acontece.

As dobras do papel se tornam rochedos admiráveis, cobertos de camadas infinitas de neves perpétuas, onde deslizam, ora lentas ora copiosas, chuvas de partículas douradas. Um assobio acorda o papel (como o vento sopra na paisagem) e empurra o sol, laranja incandescente, contra o céu, nebuloso e opaco, feito parede vertical. A sua luz ilumina, em retroprojeção, os espaços recônditos, convexos esquecidos, que agora se tornam clareiras. É aí, nesse espaço extensível, que a emoção deflagra o degelo.

Precipitam-se então as águas turvas à conquista dos seus trilhos sumidos. Essas linhas, veladas que se encontravam por defensivas camadas de matéria sobrepostas como minério antigo, vencem, por extrapolação de tensão criadora, as suas represas regentes. Descem, vorazes, ao pé de página, levantando crosta magmática em toda a extensão da sua fuga. Libertas e extenuadas, aninham-se ali primeiro e dão-se tempo para aprender a respirar sozinhas. Depois, a partir de um único fôlego (crê-se que partilham o mesmo pulmão), distendem-se, multidirecionais,

em transparências delicadas. É só aí que encontram, já velhas, o seu próprio caminho.

Depois tem dias em que quase desaparecem...

Maio 2011